

# Nomes em *-dor*, *-douro*, *-deiro*, *-dora*, *-doura* e *-deira*: uma abordagem de acordo com o modelo de RFPs em interfaces

Alexandra Soares Rodrigues  
xanafsr@mail.telepac.pt  
*Escola Superior de Educação –  
Instituto Politécnico de Bragança (Portugal)*

RESUMO. Este trabalho foca o comportamento dos sufixos *-dor*, *-dora*, *-deiro*, *-deira*, *-douro* e *-doura* na formação de nomes deverbais do Português. Partindo do modelo de “RFPs em interfaces”, baseado na coindexação dos traços semânticos provenientes dos afixos e das estruturas eventiva e léxico-conceptual das bases verbais, pretende-se evidenciar o contributo do afixo para o semantismo do produto lexical. Apesar de se tratar de afixos operadores na construção de nomes de ‘causa’, ‘locativos’ e ‘instrumentos’, verifica-se que o produto de cada afixo tende para determinados semantismos. Essas tendências são explicáveis pela existência de traços semânticos no afixo que, em coindexação com os traços das bases, produz matizes semânticos nos produtos.

PALAVRAS-CHAVE. Regras de formação de palavras; nomes deverbais; coindexação semântica; afixação.

ABSTRACT. This work focus on the behaviour of the suffixes *-dor*, *-dora*, *-deiro*, *-deira*, *-douro* and *-doura* on the formation of Portuguese deverbal nouns. We follow the “Word formation Rules in interfaces” model, which is based on the coindexation of semantic features from the affixes and from eventive and lexical-conceptual structures of the verbal bases. We intend to give evidence of the contribution of each affix to the final meaning of the product. Although all these affixes operate in the construction of nouns of ‘cause’, ‘place’ and ‘instrument’, we observe that the products of each affix have a tendency for certain meanings. Those tendencies are explainable by the existence of semantic features in the affix that, in coindexation with the features of the base, produce semantic nuances in the products.

KEY-WORDS. Word formation rules; deverbal nouns; semantic coindexation; affixation.

## 1 – Introdução

O presente trabalho tem como principal objectivo mostrar alguns aspectos, nomeadamente semânticos, da formação de nomes deverbais em *-dor*, *-dora*, *-deiro*, *-deira*, *-douro* e *-doura*, de acordo com o modelo genolexical de “RFPs em interfaces”. Começaremos por fazer uma breve apresentação deste modelo, comparativamente com modelos anteriores (§ 2). No § 3, apresentaremos as significações principais que ocorrem nestes produtos. No § 4, observaremos a distribuição numérica dessas significações pelos produtos de cada afixo. No § 5, procederemos a uma explicação dessas significações, com base no modelo teórico adoptado.

## 2 – O modelo de formação de palavras “RFPs em interfaces”

O modelo de formação de palavras que utilizamos para descrever a construção dos nomes deverbais em *-dor*, *-dora*, *-deiro*, *-deira*, *-douro* e *-doura*, designado por “modelo de RFPs em interfaces”, foi desenvolvido em Rodrigues (2008). O modelo parte da conjugação dos modelos orientados para o *input* (e.g. Beard 1995; Corbin 1987; 1991; Rio-Torto 1993; 1998) com os modelos orientados para o *output* (Plag 1999; 2004).

Nos modelos orientados para o *input*, concebe-se que cada Regra de Formação de Palavras é caracterizada por uma relação entre um tipo categorial e semântico de bases e um tipo categorial e semântico de produtos. Os operadores afixais são actantes numa RFP de acordo com o tipo de base a que se juntam e o tipo de produto que constroem. Assim, nomes como *abridor*, *esborralhadouro*, *assadeiro* são considerados como produtos da mesma RFP, na medida em que têm por base verbos (*abrir*, *respirar*, *assar*) e são nomes que designam ‘instrumentos’.

Um modelo orientado para o *input* apresenta a vantagem de evidenciar as semelhanças existentes entre produtos de operadores afixais distintos, mas que partilham o mesmo tipo de base, a mesma categoria lexical e o mesmo semantismo (e. g.  $V \rightarrow N$  ‘acção de V’: *vingança*, *enlouquecimento*, *moagem*, *avaliação*). No entanto, o mesmo modelo apresenta a desvantagem de não explicar a ocorrência de produtos com o mesmo operador afixal, mas que partem de bases

categorialmente distintas, e que apresentam semantismos divergentes. É este o caso de produtos como *carrão*, *empurrão* e *chorão*. *Carrão* tem por base o nome *carro*; *empurrão* e *chorão* têm por bases verbos (*empurrar* e *chorar*, respectivamente). Semanticamente, *carrão* designa ‘carro grande, caro’. Dado que as bases de *empurrão* e de *chorão* não são nomes, não é aplicável o mesmo tipo de semantismo a estes produtos. *Empurrão* designa o ‘evento súbito e impulsivo de V’; *chorão* designa ‘aquele que V muito’. Não obstante estas diferenças semânticas, que são justificadas pelas diferenças entre as bases *carro*, *empurrar* e *chorar* (cf. Rodrigues 2008: 53-60), é inegável a coincidência de um semantismo de ‘intensidade’ nos três produtos.

O problema dos modelos orientados para o *input* é que não explicam as semelhanças semânticas entre produtos que ostentam o mesmo afixo. Isto deve-se ao facto de, nas versões mais ortodoxas destes modelos (Beard 1995; Corbin 1987), se conceber que um afixo pode apenas operar numa única RFP.<sup>1</sup> Consequentemente, estes modelos recorrem à multiplicação em homónimos de afixos como *-ão*, sempre que se observa que o afixo opera em RFPs distintas. O afixo é descurado no seu contributo semântico para a construção do produto e, mais, na sua capacidade de construção de relações paradigmáticas entre lexemas.

Visão oposta é oferecida pelos modelos de formação de palavras orientados para o *output*, como é aquele proposto por Plag (1999; 2004). Nestes modelos, o eixo central dos paradigmas genolexicais reside no operador afixal e não na relação semântico-categorial entre as bases e os produtos. Como tal, perante produtos como *carrão*, *empurrão* e *chorão*, dá-se importância à unidade semântica acarretada pelo afixo *-ão* e descuram-se as diferenças semânticas decorrentes das diferenças semântico-categoriais das bases. Para além disso,

---

<sup>1</sup> Corbin apresenta sucessivas alterações ao modelo original de 1987, por forma a resolver estes problemas que decorrem de uma visão centrada na relação entre a base e o produto na definição de cada RFP. Vejam-se, por exemplo, Corbin (1991; 2004) e Corbin & Corbin (1991). Em nenhuma destas reformulações se abandona, no entanto, o pendor de orientação para o *input*. Também Rio-Torto se destaca da visão mais ortodoxa do modelo orientado para o *input*. Em Rio-Torto (1993; 1998), a autora modaliza o modelo de modo a explicar produtos que se assemelham semanticamente devido à partilha do mesmo afixo. Neste trabalho não procederemos a uma análise detalhada dessas propostas. Veja-se Rodrigues (2008: 25-60) para esse propósito.

esta perspectiva descara ainda as semelhanças que se encontram entre produtos que, não partilhando o mesmo afixo, se enquadram no mesmo paradigma semântico-categorial, como *carrão*, *bocarra*, *mulheraça*, por partilharem a mesma relação semântico-categorial entre base e produto.

Observemos produtos como *livraria*, *berraria*, *fanfarronaria*, *moagem*, *vassalagem*, *folhagem*.

Um modelo orientado para o *input* procederá aos seguintes conjuntos:

Conjunto A	Conjunto B	Conjunto C
<i>fanfarronaria</i> <i>vassalagem</i>	<i>berraria</i> <i>moagem</i>	<i>livraria</i> <i>folhagem</i>

O conjunto A é definido pela partilha da base, adjetivo e/ou nome que funcione como predicativo, bem como da saída, que é um nome de qualidade, ou essivo, (Rio-Torto 1998: 122-123). O conjunto B é caracterizado por base verbal e saída nome de evento. O conjunto C é constituído por lexemas nominais que designam ‘quantidade’ que têm por base um nome concreto.

Um modelo orientado para o *output* construirá os seguintes conjuntos:

Conjunto 1	Conjunto 2
<i>fanfarronaria</i> <i>berraria</i> <i>livraria</i>	<i>vassalagem</i> <i>moagem</i> <i>folhagem</i>

O conjunto 1 engloba os produtos do sufixo *-aria*. O conjunto 2 engloba os produtos do sufixo *-agem*. Observe-se que a identificação de cada afixo não se baseia apenas na sua estrutura fonológica, mas no complexo fonológico-semântico. É a apresentação de uma constância semântica entre os produtos que permite a identificação do afixo como único.

Observadas de modo breve as vantagens e as desvantagens dos modelos orientados para o *input* e para o *output*, passamos a apresentar também em traços breves o modelo que desenvolvemos e que designámos por “modelo de RFPs em interfaces”.

Tal como é observável pelos exemplos acima demonstrados, não é viável uma descrição satisfatória do domínio de formação de palavras se nos ativermos univocamente a uma visão direccionada apenas para o *input*, ou a uma visão direccionada apenas para o *output*. Ambas as visões concebem de modo excessivamente estanque o modo de operar quer dos afixos, quer das relações entre bases e produtos.

A análise de um *corpus* de 8414 nomes deverbais em Rodrigues (2008) providenciou-nos exemplos suficientes para questionarmos a validade dos dois modelos acima referidos e para construirmos um modelo alternativo que nos parece estar mais de acordo com os dados empíricos.

O modelo de RFPs em interfaces parte duma visão mais dinâmica do próprio léxico e prevê que o mesmo afixo possa operar em RFPs distintas. Deste modo, não se descarta a constância semântico-categorial observável entre bases e produtos duma determinada RFP, mas põe-se em simultâneo em evidência o contributo semântico do operador afixal na construção do produto, bem como a sua capacidade de se anexar a diferentes bases definidas semântico-categorialmente.

O nosso modelo construirá 5 conjuntos simultâneos a partir dos lexemas *livraria, berraria, fanfarronaria, moagem, vassalagem e folhagem*.

	Conjunto 1		Conjunto 2
Conjunto A	<i>fanfarronaria</i>		<i>vassalagem</i>
Conjunto B	<i>berraria</i>		<i>moagem</i>
Conjunto C	<i>livraria</i>		<i>folhagem</i>

As RFPs são concebidas, no modelo de RFPs em interfaces, como relações dinâmicas entre tipos de bases e tipos de produtos relacionáveis semântico-categorialmente através de operadores afixais, ou de outros mecanismos.<sup>2</sup> As RFPs mantêm relações também

---

<sup>2</sup> Referimo-nos, por exemplo, aos mecanismos de conversão responsáveis pela produção de nomes deverbais como *abraço* de *abraçar* e de verbos denominais, como *ancorar* de *âncora*. Acerca da direccionalidade derivacional destes processos, vejam-se Rodrigues (2001; 2002).

dinâmicas entre si. Neste modelo, os operadores afixais e/ou os mecanismos responsáveis pelas formações não se atêm à laboração em apenas uma RFP. A capacidade de operarem em várias RFPs em simultâneo resulta da conjugabilidade entre os caracteres semânticos do afixo e aqueles que relacionam a base e o produto de cada RFP. Isto conduz a uma permeabilidade entre as RFPs, visível através dos contactos semânticos entre produtos de RFPs distintas, mas que partilham o mesmo afixo.

O modelo de RFPs em interface considera a dimensão semântica como decisiva na actuação genolexical. O modelo prevê um mecanismo de ‘coindexação’ entre traços semânticos do afixo e traços semânticos da base que se revela responsável pela obtenção do semantismo final do produto. O conceito de ‘coindexação’, apresentado em Lieber (2004), sofre no nosso modelo modificações devido à necessidade de adequarmos o modelo teórico aos dados lexicais observados.<sup>3</sup> O que o *corpus* analisado em Rodrigues (2008) revela é que num primeiro nível do domínio da formação de palavras, concebido como constituído por fiadas de diversas estruturas, o nível semântico é aquele que actua na selecção entre operador afixal e base.

O referido *corpus* é constituído por 8414 nomes deverbais com os afixos *-agem*, *-aria*, *-ão*, *-ção*, *-mento*, *-dura*, *-ncia*, *-nça*, *-nço*, no caso dos nomes de ‘evento’, e *-ão*, *-dor*, *-dora*, *-douro*, *-doura*, *-deiro*, *-deira*, *-nte*, *-vel*, *-tório*, *-ório*, *-ória* e *-tória*, no caso dos nomes de ‘indivíduo’<sup>4</sup>. O *corpus* foi construído a partir do *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora, Bluteau (1712-1728) e Domingos Vieira (1871-1874). Recorreu-se ainda ao *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001) da Academia das Ciências de Lisboa e ao *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001-2002) para completar informação semântica. Da análise desse *corpus* foi possível formular traços semânticos centrais para cada um dos afixos que, em coindexação com determinados traços semânticos das bases a que se

<sup>3</sup> Não entraremos neste trabalho em detalhes sobre as diferenças entre o conceito de *coindexação* apresentado por Lieber (2004) e aquele que está desenvolvido no nosso modelo. Veja-se Rodrigues (2008: 60-71) para esse efeito.

<sup>4</sup> ‘Indivíduo’ corresponde a uma entidade delimitada espacialmente e opõe-se a ‘evento’. ‘Indivíduo’ não especifica um ser animado. Pode tratar-se de um ‘locativo’, de um ‘instrumento’, etc.

Significações não assinaladas por representarem variante feminina dos lexemas em *-dor*.

agregam, geram os semantismos dos produtos respectivos (Rodrigues 2008: 227-274).

Os traços semânticos dos afixos permitem compreender por que motivo produtos duma mesma RFP, que, como tal, partilham a mesma significação genérica, apresentam entre si diferentes matizes semânticos. No caso dos nomes de evento, esses matizes vão desde os semantismos de ‘acção súbita’, ‘processo’, ‘estado’, ‘acção reiterada’, entre outros. No caso dos nomes de indivíduo, os matizes são exemplificados por semantismos de ‘causa humana’, ‘causa animal’, ‘instrumento’, ‘locativo’, ‘recipiente’, etc. (Rodrigues 2008: 248-255).

Neste trabalho, centrar-nos-emos nos produtos dos sufixos *-dor, -dora, -deiro, -deira, -douro* e *-doura*. Apesar de se tratar de produtos de indivíduo que apresentam significações de ‘causa humana’, ‘causa animal’, ‘causa’, ‘locativo’, ‘instrumento’, ‘recipiente’, ‘parte de corpo’, verificam-se preferências de cada um dos afixos em relação a cada uma destas significações. Tentaremos explicitar neste trabalho o modo de operação semântica de cada um dos afixos para a obtenção dos semantismos dos produtos em análise.

As significações apontadas para os lexemas são, salvo indicação contrária, retiradas do *Dicionário da Língua Portuguesa* da Porto Editora, versão *online*.

### 3 – As significações

As principais significações encontradas nos nomes deverbais construídos através dos sufixos em análise foram as seguintes:

-‘causa’: instigador ou actuante directo não-animado de um evento, parafraseável por ‘que efectua V’ (e. g. *flutuator* ‘o que flutua; o que se conserva à superfície de um líquido’, *ecoador* ‘aquilo que ecoa’);

- ‘causa animal’: instigador ou actuante directo de um evento, que é um animal (e. g. *trepadeira* ‘pássaro sedentário e comum em Portugal, que tem por hábito subir ao longo do tronco das árvores’, *lavadeira* ‘alvéola’);

-‘causa humana’: instigador ou actuante directo humano de um evento (e.g. *canalizador, bordadeira*);

- 'causa substância': instigador ou actuante directo de um evento, que é uma substância (e. g. *catalisador* 'substância que modifica a velocidade das reacções químicas, apresentando-se inalterada no fim da reacção', *despolarizador* 'substância que se coloca numa pilha eléctrica para eliminar ou diminuir a polarização');

- 'causa v': instigador ou actuante directo de um evento, que é um vegetal (e. g. *dormideira* 'planta herbácea, lactescente, da família das Papaveráceas, espontânea em Portugal, que tem propriedades sedativas e narcóticas, e da qual se extrai ópio', *estancadeira* 'planta herbácea, da fam. das Plumbagináceas, aplicada para sustar hemorragias');

- 'instrumento mecanizado': artefacto mecanizado utilizado por causa animada para a efectuação de um evento (e. g. *escavadora*, *aquecedor*);

- 'instrumento não-mecanizado': artefacto não-mecanizado utilizado por causa animada para a efectuação de um evento (e. g. *tapadoura* 'tampa', *abridor*);

- 'locativo': espaço fixo com 3 dimensões (e. g. *pousadeiro* 'lugar onde a ave pousa', *desovadouro* 'lugar onde um animal desova');

- 'locativo causa': espaço fixo com 3 dimensões que instiga ou actua (n)um evento (e. g. *germinadouro* 'lugar onde se faz germinar a cevada para o fabrico da cerveja', *resvaladeiro* 'sítio ou terreno por onde se resvala facilmente');

- 'locativo c': espaço com 3 dimensões coincidente com um segmento ou parte de um corpo animado ou não-animado (e. g. *encabadouro* 'abertura onde entra o cabo de qualquer utensílio', *nascedouro* 'orifício do útero');

- 'locativo c causa': espaço com 3 dimensões coincidente com um segmento ou parte de um corpo animado ou não-animado que instiga ou actua (n)o evento (e. g. *respiradouro* 'orifício destinado a deixar entrar e sair o ar', *coagulador* 'última e principal cavidade do estômago dos ruminantes, também denominada abomaso e coalheira');

- 'locativo p': espaço com 3 dimensões, móvel, que serve de continente/recipiente (e. g. *cozedeira* 'peça de barro em que se leva



comida ao fogo’, *pingadeira* ‘recipiente para aparar os pingos da carne que se assa no forno ou no grelhador’);

-‘locativo p causa’: espaço com 3 dimensões, móvel, que serve de continente/recipiente, que instiga ou actua (n)o evento (*congelador*, *chocadeira* ‘incubadora’);

-evento: acontecimento na dimensão temporal (e. g. *chiadouro* ‘acção frequente de chiar’, *fervedouro* ‘movimento como o de um líquido a ferver’).

#### 4 – Distribuição das significações por produtos

Os produtos em *-dora*, *-deira* e *-doura* elencados no *corpus* já mencionado são aqueles constantes em produtos lexicográficos, isto é, que manifestam significações lexicalizadas, semanticamente distintas daquelas que surgem nos actuais ou hipotéticos lexemas masculinos. Por esse motivo, a inexistência de semantismos de ‘causa’, de ‘causa animal’, ou o escasso número de ‘causa humana’ nos produtos em *-dora* não revelam que estas significações sejam inexistentes em lexemas com este operador afixal. Demonstram apenas que se trata de significações não lexicalizadas. Por exemplo, *avaliadora* representa a forma feminina de *avaliador*, enquanto *escavadora* ‘máquina’ não representa a forma feminina de *escavador*. É apenas contabilizada, para os produtos em *-dora*, *escavadora* e não *avaliadora*. Observe-se, no entanto, que as significações de ‘causa humana’ e de ‘causa animal’ estão ausentes dos produtos em *-doura* na mesma medida em que estão ausentes dos produtos em *-douro*. Não se trata, pois, da mesma situação observável para *-dora*.

Os números percentuais apresentados dizem respeito aos valores absolutos das significações em análise neste trabalho e não daquelas que foram analisadas em trabalhos anteriores (cf. Rodrigues 2008), onde eram comparados mais afixos para além dos que estão em análise neste trabalho. A tabela 1 mostra os valores absolutos das significações em análise para os afixos *-dor*, *-dora*, *-deiro*, *-deira*, *-douro* e *-doura*.



Dos dados explicitados nas tabelas 1 e 2, destacam-se os seguintes:

- os produtos em *-dor* são aqueles que apresentam maior número de significações de ‘causa humana’ (67,05%). Seguem-se os produtos em *-deira* (28,57%), *-deiro* (24,59%), *-dora* (17,50%);

- os produtos em *-douro* e *-doura* não apresentam o semantismo de ‘causa humana’, ‘causa animal’, ‘causa s’ ou ‘causa v’; a única ‘causa’ é a genérica;

- nos produtos em *-dora*, o semantismo mais significativo é o de ‘instrumento mecanizado’, que ocupa 75,00% das significações disponibilizadas pelos lexemas lexicalizados com este sufixo. Nos produtos em *-dor*, a significação de ‘instrumento mecanizado’ apresenta-se com menor percentagem (6,09%) do que a significação de ‘instrumento não-mecanizado’ (8,76%), que é baixa nos produtos em *-dora* (5,00%);

- nos produtos em *-deiro*, encontra-se ausente a significação de ‘instrumento mecanizado’, mas esta está presente nos produtos em *-deira* com 14,29%;

- não ocorrem semantismos de ‘instrumento mecanizado’ nos produtos em *-douro* e em *-doura*;

- a significação de ‘instrumento não-mecanizado’ tem mais representatividade nos produtos em *-doura* (77,27%), seguindo-se os produtos em *-deira* (27,70%) e em *-douro* (16,34%);

- a significação com maior percentagem nos produtos em *-doura* é a de ‘instrumento não-mecanizado’ (77,27%);

- a significação de ‘locativo’ tem maior representação nos produtos em *-douro* (37,62%) e *-deiro* (14,75%);

- a significação de ‘locativo causa’ tem maior representação nos produtos em *-douro* (19,67%) e *-deiro* (12,87%);

- a significação de ‘locativo c’ tem representação apenas nos produtos em *-douro* (4,46%);

- a significação de ‘locativo p’ tem maior representação nos produtos em *-douro* (9,09%), *-doura* (7,92%) e *-deiro* (4,92%);

- os semantismos de ‘evento’ só ocorrem nos produtos em *-douro* (12,38%), *-deira* (7,29%), e *doura* (4,55%).

Pode concluir-se que:

- os produtos em *-douro* e *-doura* não são representativos de ‘causa’ especificada como ‘humana’ ou ‘animal’;
- os produtos em *-douro* e *-doura* são representativos de ‘instrumentos não-mecanizados’;
- os ‘instrumentos mecanizados’ estão a cargo de *-deira* e *-dora*;
- as significações de ‘causa humana’ e de ‘causa animal’ são mais representadas por *-dor*, *-deiro* e *-deira*;
- o semantismo de ‘locativo p’ é mais representado por *-deiro*, *-deira*, *-douro* e *-doura*; mas a representatividade pelos sufixos *-douro* e *-doura* decresce se a significação estiver aliada a ‘causa’ (‘locativo p causa’);
- o semantismo de ‘locativo c’ é representado por *-douro*, mas essa representatividade decresce se esta significação estiver aliada a ‘causa’ (‘locativo c causa’);
- os locativos estão a cargo de *-douro* e *-deiro*; se se tratar de ‘locativo causa’ o sufixo *-douro* perde representatividade;
- ocorrem semantismos de ‘evento’ em *-douro*, *-deiro*, *-doura*.

## 5 – Interpretação dos resultados

O modelo de formação de palavras que desenvolvemos apresenta a vantagem de, para além de descrever os semantismos de cada produto, explicar esses mesmos semantismos. A partir dos dados acima descritos levantam-se as seguintes questões:

a) por que razão os produtos em *-douro*, *-doura* são alheios aos semantismos de ‘causa humana’ e de ‘causa animal’? Repare-se que, nos domínios semânticos em que estes afixos têm grande peso (‘locativos c’, ‘locativos p’ e ‘locativos’), estes operadores perdem visibilidade se estes semantismos estiverem aliados ao semantismo de ‘causa’.

b) por que razão os sufixos *-dor* e *-dora* apresentam escassos locativos, mostrando preferência por causa humana (*-dor*) e por instrumento mecanizado (*-dora*)?

c) por que razão os sufixos *-deiro* e *-deira* parecem situar-se numa zona intermédia entre *-dor/ -dora* e *-douro/ -doura*, mostrando significações de ‘causa’, ‘instrumento’ e ‘locativo’?

Na introdução que fizemos ao modelo de RFPs em interfaces focámos que o modelo prevê um mecanismo de coindexação (Rodrigues 2008: 60-71). Esse mecanismo é o responsável por estas características semânticas assinaladas nas questões anteriores. O modelo desenvolvido prevê uma composicionalidade semântica dos lexemas em diversas fiadas, muitas vezes não acessíveis directamente. Não se trata, pois, de componentes semânticos que se possam encontrar descritos num dicionário, ou a que o falante possa aceder explicitamente. Dos componentes que intervêm na formação destes produtos temos em consideração o contributo da base e o contributo do afixo. Da base foram delimitados componentes semânticos da estrutura eventiva e da estrutura léxico-conceptual. A estrutura eventiva diz respeito a subcomponentes eventivos *i. e.*, situados no eixo do tempo, com carácter lexical e não sintáctico. Esses subcomponentes são, por exemplo, [ponto de chegada], [ponto de partida], [pontual], [durativo], etc. (Rodrigues 2008: 202-204). A estrutura léxico-conceptual lida com participantes no evento léxico-conceptualmente inscritos, como [causa], [objecto], [locativo], etc. (Rodrigues 2008: 242-248). A estrutura léxico-conceptual não coincide com a estrutura argumental e, portanto, não deve ser tomada por esta.<sup>5</sup>

O sufixo contribui semanticamente para o produto final com um traço semântico (Rodrigues 2008: 235-242). Esse traço semântico foi delimitado para cada sufixo através da análise em contraste de todos os produtos com aquele operador afixal (*e. g. avaliador, canalizador, corredor, abridor*) e dos produtos com a mesma base e com afixo diferente (*bebedeira, bebedouro, bebedor*). O traço do sufixo não é visível directamente em cada produto, mas sim através de semantismos particulares, por vezes secundários, dos produtos do mesmo sufixo, selecção de bases, etc. (Rodrigues 2008: 236, nota 197).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Neste momento não entraremos em detalhe sobre a descrição dos componentes destas estruturas, nem quanto ao modo de coindexação entre si. Veja-se Rodrigues (2008:94-113) para uma descrição aturada destes mecanismos e componentes.

<sup>6</sup> Este dado deve ser tido em conta na leitura dos traços que aqui apresentamos de forma breve. Remetemos para Rodrigues (2008: caps. VI e VII) para a verificação dos motivos de estabelecimento de cada traço particular de cada afixo.

Temos assim os possíveis traços a coindexar entre si: um traço do sufixo em acção; um ou mais traços em simultâneo da estrutura léxico-conceitual da base; um ou mais traços em simultâneo da estrutura eventiva da base. A coindexação entre os traços faz-se de acordo com conjugabilidades semânticas entre os traços activados (Rodrigues 2008: 255-267).

Para os sufixos *-dor* e *-dora* foi delimitado o traço [que tem a função de]. Para os sufixos *-deiro* e *-deira* o traço [que tem a funcionalidade de]. Para *-douro* e *-doura* o traço é [propício a/próprio para]. Descreveremos brevemente estes traços para depois tecermos considerações acerca do seu papel na obtenção dos semantismos dos produtos. Tenha-se em atenção que para uma compreensão cabal destes traços é necessário considerar a totalidade dos afixos operadores de 'indivíduo', na medida em que a identificação de cada traço se faz por contraste. Por motivos de espaço, remetemos para Rodrigues (2008: 240-242) para a motivação de cada traço apontado.

O traço [que tem a função de], caracterizador dos sufixos *-dor* e *-dora*, indicia um indivíduo que exerce a função instanciada pela base verbal, sem que se preveja se existe ou não capacidade para o exercício da mesma função (Rodrigues 2008: 346, nota 243).

O traço [que tem a funcionalidade de], presente em *-deira* e *-deiro*, mostra um indivíduo que possui a capacidade de exercer uma função.

O traço [propício a/próprio para], assinalado para os sufixos *-douro/-doura*, mostra um indivíduo adequado à ocorrência do evento significado pela base verbal, sem que esse indivíduo seja actuante ou instigador do evento, ao contrário do que ocorre com os traços [que tem a função de] e [que tem a funcionalidade de]. Este traço é revelador da versatilidade semântica que *-douro* e *-doura* disponibilizam.

### 5.1 – Produtos em *-dor*

Dos produtos em *-dor* destacam-se aqueles que significam 'causa', especialmente 'causa humana'. Apesar de não apresentar número relevante de semantismos locativos, é de destacar que estes surgem ainda em menor número quando não possuem o componente de 'causa', à excepção do 'locativo', para o qual se encontraram apenas

dois exemplos: *toucador* (Domingos Vieira: «A casa onde alguém touca a cabeça.») e *obrador*<sup>7</sup> (Domingos Vieira: «Dá-se este nome, nas terras de lanificio da Serra da Estrella, á casa ordinariamente terrea, ou loja, onde cardam a lã, e mesmo onde teem algum tear.»)). Em todo o caso, a soma dos 'locativos' aliados a 'causa' é muito superior à soma dos 'locativos' sem 'causa', como se verifica recorrendo às tabelas 1 e 2.

Esta tendência explica-se pela actuação do traço [que tem a função de]. Este traço, coindexado com o traço [causa] da base verbal, e com um traço eventivo dependente de cada base verbal, restringe o 'indivíduo' como aquele que é instigador/actuante do/no evento. Atente-se: o traço [que tem a função de] coindexa com um traço eventivo da base verbal, o que provê o produto de um semantismo de 'que tem a função de Evento'. Ora, este semantismo adequa-se ao instigador/actuante do/no evento. Daí que a coindexação com um traço da estrutura léxico-ceneptual da base verbal se faça tendencialmente com o traço [causa]. Os semantismos finais obtidos são, deste modo, o de 'causa', especialmente com a especificação de 'causa humana' (e. g. *controlador, desenhador, atirador*), e o de 'instrumento' (e. g. *desentupidor, radiador, espanador*).

Isto explica igualmente que os poucos locativos nos produtos em *-dor* estejam relacionados com 'causa'. Assim, os locativos são sobretudo 'locativos p causa', ou seja, recipientes, que exercem eles próprios a 'função de Evento'. É este o caso de *congelador, refrigerador, assador*, etc. O facto de existirem produtos em *-dor* sem a componente 'causa' prova que este carácter semântico não é inerente ao sufixo, antes decorre da base verbal. Um *apontador* 'livro para apontamentos', ou um *copiador* 'livro onde se copia a correspondência expedida' são 'locativos p', que 'têm a função de Evento', mas não são 'causa', na medida em que não instigam ou efectuam o evento.

---

<sup>7</sup> *Toucador* é, segundo Domingos Vieira, «A casa onde alguém touca a cabeça.». Em relação a *Obrador*, Domingos Vieira fornece a seguinte indicação: «Dá-se este nome, nas terras de lanificio da Serra da Estrella, á casa ordinariamente terrea, ou loja, onde cardam a lã, e mesmo onde teem algum tear.».

## 5.2 – Os produtos em *-dora*

Recordamos que nas formas em *-dora* se mostram apenas aquelas que se encontram lexicalizadas e não as que correspondem à variante feminina do genérico masculino. Esta variação é própria de semantismos de ‘causa humana’ e ‘causa animal’. As significações de ‘instrumentos’ e as de ‘locativos’ não apresentam variação em género; estão antes lexicalizadas ou na forma feminina ou na masculina.

Quanto ao facto de *-dora*, em relação a *-dor*, mostrar maior número de ‘instrumentos mecanizados’, dever-se-á dever à lexicalização maior a que se prestam as formas marcadas morfológicamente, isto é, as formas do feminino. Assim, parece haver uma correlação entre as formas morfológicamente marcadas (femininas) e os semantismos que indiciam maior grau de lexicalização do traço [que tem a função de] - os semantismos técnico-profissionais, visíveis em designações de profissões e em ‘instrumentos mecanizados’. As designações de profissões estão, no entanto, atreitas a variação de género, o que não acontece com os ‘instrumentos mecanizados’.

Recusamos a hipótese de a elisão do nome *máquina* estar na origem dos nomes de ‘instrumentos mecanizados’ como formas tendencialmente femininas, como defendido por Grossmann (1998: 387). Essa elisão poderia ser relativamente a *mecanismo*, *engenho*, *aparelho*, o que providenciaria género masculino aos produtos.

Não existe correlação entre feminino e ‘máquina’, mas antes entre forma marcada que se presta a maior lexicalização e semantismo mais lexicalizado.

## 5.3 – Produtos em *-deiro*

Nos produtos em *-deiro* destacam-se numericamente os semantismos de ‘causa’, ‘causa humana’, ‘locativo causa’ e ‘locativo’. Para esta tendência concorre o traço do sufixo, que especificámos como [que tem a funcionalidade de], ou seja, ‘que tem a capacidade para o cumprimento de uma função’. São assim comuns as designações de ‘causas humanas’ que indicam uma profissão (e. g. *fiadeiro*, *cevadeiro*, *vindimadeiro*) ou que implicam um juízo de valor (e. g. *rezadeiro*, *benzedeiro*), partindo ambas do grau de ‘frequência’ com que o instigador/actuante efectua o evento.



As ‘causa animais’ corroboram os subcomponentes de ‘frequente’ e de ‘capacidade’ deste sufixo. Os animais designados por estes produtos, de que são exemplo *piadeiro* ‘ave: peto’, *lavadeiro* ‘ratinho da América’, bem como os congêneres femininos, como *trepadeira* ‘ave’, *subideira* ‘ave’, mostram o carácter de ‘frequente’ e de ‘capacidade’ que explicitámos para o contributo semântico de *-deiro/-deira*.

O subcomponente semântico de ‘capacidade’ de ‘funcionalidade’ aparece de forma mais visível nos produtos que designam ‘locativos’. Exemplos como *deslizadeiro*, *resvaladeiro*, *singradeiro*, *atascadeiro*, *atoladeiro*, *despenhadeiro* mostram lugares ‘que têm a capacidade de instigar Evento’. A versão de ‘funcionalidade’ destaca-se mais em exemplos como *apeadeiro*, *cremadeiro*, *malhadeiro*. Observe-se que a ‘funcionalidade’ é inscrita como capacidade que não requer voluntariedade ou controlo por parte do detentor da mesma. Os ‘locativos’ correspondem a espaços aproveitados pela sua funcionalidade para determinado Evento.

#### 5.4 – Produtos em *-deira*

Nestes produtos, o traço [que tem a funcionalidade de] é particularmente visível em lexemas como *poedeira* e *parideira*. *Parideira* significa ‘fêmea em idade (com capacidade) de parir e que é fértil [traço ‘frequente’]’. *Poedeira* aplica-se a ovíparas segundo os mesmos traços (Rodrigues 2008: 240).

Em paralelo com o que se verificou para os produtos em *-dora*, as formas femininas *-deira* mostram mais semantismos de ‘instrumento’ do que os congêneres masculinos. Estes instrumentos, mesmo quando mecanizados, possuem um carácter tradicional para os parâmetros actuais, como *empacotadeira* ‘máquina agrícola para enfardar palha ou feno’, *enfardadeira* ‘máquina agrícola que serve para enfeixar e comprimir a palha ou o feno’. Exemplos de ‘instrumentos não-mecanizados’ são *bulideira* ‘pá com que se separam os pães no forno’, *lançadeira* ‘peça do tear, em forma de naveta, com um pequeno cilindro ao meio (canela) em que se enleia o fio que os tecelões ou teceadeiras fazem passar pela urdidura’, *arrasadeira* ‘pau cilíndrico que serve para arrasar medidas’, etc. Em relação aos semantismos de ‘instrumento’ dos produtos em *-dora*, os em *-deira* mostram carácter

mais tradicional. Os produtos em *-dora* possuem carácter mais tecnológico.

O mesmo carácter tradicional está presente nas designações de profissões, como *bordadeira*, *engarrafadeira*, *assedadeira*, *brunideira*, *cerzideira*, *dobradeira*, *encartadeira*, *lavadeira*, *pregueadeira*, *fiadeira*, etc.

#### 5.4 – Produtos em *-douro*

Nestes produtos destaca-se a ausência de ‘causa humana’ e de ‘causa animal’, mas verifica-se a presença de ‘causa’. Isto mostra que o matiz semântico em ausência é aquele que se relaciona com um instigador/actuante de Evento que tenha a possibilidade de o controlar ou de o efectuar voluntariamente. Recordamos que o traço explicitado para este sufixo é o de [propício a/próprio para], de que está ausente um subcomponente instigador/actuante de Evento.

Como tal, este sufixo mostra-se apropriado para designar ‘causa’ não voluntária (*defumadouro* ‘substância com que se defuma’, *apertadouro* ‘coisa que aperta’, *suadouro* ‘bebida ou remédio para fazer suar’), instrumentos (*aradouro* ‘arado’, *cerradouro* ‘cordão de abrir e fechar bolsas, sacos, etc.’), ‘locativos c’ (*sugadouro* ‘prolongamento que certas plantas parasitas introduzem nas plantas parasitadas para as sugarem’, *sangradouro* ‘parte do braço onde, através de incisão numa veia, se pratica a sangria’) e ‘locativos’ (*assomadouro*, *surgidouro*, *desaguadouro*).

#### 5.6 – Produtos em *-doura*

O formato *-doura* corrobora aquilo que foi dito em relação às formas femininas: em comparação com os pares masculinos, estas evidenciam preferência pelos semantismos de ‘instrumentos’ (*rapadoura* ‘instrumento próprio para rapar; pequena pá com que se rapa a massa nas masseiras’, *roçadoura* ‘foice’). Também corrobora o que dissemos a propósito de *-douro*: ausência de ‘causa humana’ e de ‘causa animal’, de acordo com a adequação ao traço [propício a/próprio para].

### 5.7 – Semantismos de ‘evento’

Os semantismos de ‘evento’ em produtos de sufixos que constroem prototipicamente designações de ‘indivíduo’ devem-se a extensões de subcomponentes dos traços semânticos dos sufixos. Essas extensões dizem respeito ao semantismo de ‘frequente’. Os sufixos que disponibilizam o semantismo de ‘evento’ são *-deira* (*chiadeira*, *choradeira*, *fungadeira*, *ganadeira*, *gritadeira*), *-douro* (*tremedouro*, *chiadouro*, *gemedouro*) e *-doura* (*varredoura* ‘grande morticínio ou destruição’).

### 6 – Conclusões

A distinção entre *-dor*, *-deiro* e *-douro* resulta da diminuição da extensão de ‘causa’ entre os três sufixos. Essa extensão relaciona-se com a adequação que cada traço de cada sufixo mostra relativamente ao componente ‘causa’. Essa diminuição acarreta valores numéricos distintos dos vários tipos de semantismos. *-dor* produz semantismos de indivíduo que cumprem a função de Evento. Como tal, são numericamente salientes os produtos em *-dor* com semantismos de ‘causa’, sejam ‘locativos’ ou ‘causa humana/animal’. *-douro* mostra indivíduos que são propícios ao Evento, mas não especificamente instigadores do mesmo. Assim, a correlação com ‘causa’ é ténue, o que explica a ausência de ‘causa humana’ e a presença de ‘locativos’ sem ‘causa’ e de ‘instrumentos’. *-deiro* situa-se numa zona intermédia entre *-dor* e *-douro*. O traço [que tem a funcionalidade de] possibilita semantismos situados nos vários domínios semânticos, ainda que com tendência para a extensão de ‘causa’.

O modelo de RFPs em interfaces, que prevê uma organização em fiadas da estrutura semântica genolexical, concebe que cada afixo contém um semantismo que é decomponível em subcomponentes. Esses subcomponentes são despertados por subcomponentes semânticos das bases. São esses subcomponentes que são responsáveis por matizes semânticos observáveis em produtos da mesma RFP, mas formados por operadores afixais distintos. Neste modelo, provê-se o operador afixal e a base de igual importância para o produto final.

## REFERÊNCIAS

- Academia das Ciências de Lisboa e Instituto de Lexicologia e Lexicografia 2001. *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo, 2 vols.
- Beard, R. 1995. *Lexeme-morpheme base morphology: a general theory of inflection and word formation*. New York: State University of New York Press.
- Bluteau, R. 1712-1728. *Vocabulário português e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 8 vols. e 2 suplementos.
- Corbin, D. 1987. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Vol. 1. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- Corbin, D. 1991. Introduction. La formation des mots: structures et interprétations. *Lexique*. **10**: 7-30.
- Corbin, D. 2004. Français (Indo-européen: Roman). In: G. Booij; C. Lehmann; J. Mugdan, ; S. Skopeteas (Eds.). *Morphologie/Morphology Ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung/ An international handbook on inflection and derivation*. Vol. 2. Berlin; New York: Walter de Gruyter.
- Corbin, D.; Corbin, P. 1991. Un traitement unifié du suffixe *-ier(e)*. *Lexique*. **10**: 61-145.
- Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora. www.infopedia.pt.
- Grossmann, M. 1998. Formazione dei nomi di agente, strumento e luogo in catalano. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 383-392.
- Houaiss, A.; Villar, M.; Franco, F. (Eds.) 2002-2003. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 6 vols.
- Lieber, R. 2004. *Morphology and lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Plag, I. 1999. *Morphological productivity. Structural constraints in English derivation*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter.
- Plag, I. 2004. Syntactic category information and the semantics of derivational morphological rules. *Folia Linguistica*. **38(3-4)**: 193-225.
- Rio-Torto, G. 1993. Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra. Ms Coimbra.
- Rio-Torto, G. 1998. *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, A. 2001. - *A construção de postverbiais em português*. Porto: Granito Editores e Livreiros.
- Rodrigues, A. 2002. Para compreender o mecanismo de formação dos chamados “derivados regressivos”. In: I. Duarte et al (Eds.). *Encontro Comemorativo do 25º Aniversário do Centro de Linguística da Universidade do Porto* Vol. 1. Porto: CLUP/FCT/FLUP: 9-19.
- Rodrigues, A. 2008. *Formação de substantivos deverbiais sufixados em português*. München: Lincom.
- Vieira, D. 1871-1874. *Grande dicionário Português ou Thesouro da Língua Portuguesa*. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 5 vols.